

A linguagem (pós) colonial, em “*The Sacrificial Egg*”, de chinua achebe (1962)

The post colonial language in the “*Sacrificial Egg*”, by chinua achebe (1962)

Silvio Ruiz Paradiso*

Resumo: Neste trabalho fomentaremos uma análise a partir de um estudo que abarca os pressupostos teóricos sobre pós-colonialismo e estudos culturais, como: multiculturalismo, resistência, hibridismo; ou seja, teorias que envolvem as culturas do “terceiro mundo” e, respectivamente, seus estudiosos como Ashcroft, Griffiths e Tiffin. A análise se debruçará sobre o conto em Língua Inglesa “*The Sacrificial Egg*”, (1962) de Chinua Achebe, autor de origem nigeriana, conhecido por suas narrativas nacionalistas e de resistência. Iremos nos ater ao discurso linguístico, ora ab-rogativo, uma vez que o autor se distancia do inglês padrão, inserindo na narrativa vocábulos próprios da língua Ibo, criando assim uma lacuna metonímica; ora um texto baseado na apropriação, quando Achebe se utiliza da língua inglesa do colonizador para subvertê-lo. Para que a pesquisa possa cumprir sua proposta, os métodos de procedimento serão o histórico e o comparativo, enquanto o caráter será descritivo/analítico, pois, dessa forma, os fatos podem ser identificados, descritos, classificados, interpretados e, principalmente, analisados pelo pesquisador sem a interferência e manipulação do mesmo. Haverá a descrição das teorias propostas juntamente com a narrativa em questão.

Palavras-chaves: Ab-rogação. Lacuna metonímica. Linguagem. Pós-Colonialismo.

Abstract: The postcolonial discourse in *The Sacrificial Egg*, by Chinua Achebe (1962). In this work, we analyze a study based on estimated theoreticians about post colonialism and Cultural Studies, such as: multiculturalism, resistance, hybridism, in other theories that involve the cultures of the “third world” and, respectively its scholars such as Ashcroft, Griffiths e Tiffin. The analysis will be leaned over the short stories in English Language as *The Sacrificial Egg*, (1962) by Chinua Achebe. This author, from Nigeria, is recognized for his nationalistic and narratives of resistance. We will analyze for the linguistic speech sometimes abrogative, when it makes a distance between the author of the English standard, inserting in the narrative words proper of the Ibo language, creating a metonymical gap. Sometimes it is based as an appropriative text, when the author uses the colonizer English language to subvert it. So, the research can fulfill its proposal. The methods will be historical and comparative, while the character will be descriptive/analytical, therefore, the facts can be identified, described, classified, interpreted and, mainly, analyzed for the researcher without the interference and manipulation of the facts. The description is analyzed with the theories proposed together with the narrative in question.

Keywords: Abrogation. Metonymical gap. Post colonialism. Discourse.

* Doutorando em Estudos Literários/ Diálogos Culturais – Universidade Estadual de Londrina (CCH - UEL). Londrina, Paraná, Brasil. Bolsista pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: silvinhoparadiso@hotmail.com

1 Introdução

A linguagem é portadora de uma importância social como elemento humano tanto quanto as demais instituições como arte, religião, ciência e mito, como postula Cassirer (1977):

Mas no caso do homem encontramos não apenas, como entre os animais, uma sociedade de ação, mas também uma sociedade de pensamento e sentimento. A linguagem, o mito, a arte, a religião, a ciência são os elementos e condições constitutivas desta forma superior de sociedade. São os meios pelos quais as formas de vida social, que encontramos na natureza orgânica, envolvem para um novo estado, o da consciência social que depende de um duplo ato, de identificação e discriminação. (CASSIER, 1977, p. 349).

A língua seria como um sistema e seu produto social, ou seja, a linguagem cria e unifica uma consciência nacional, em que as fronteiras culturais correspondem muitas vezes mais poderosas e fundamentadas do que as fronteiras políticas e geográficas.

O idioma é a maior arma dos impérios para subverter o sujeito colonizado, já que todo aquele que está fora do inglês padrão está, supostamente, à margem, em outras palavras, fora de contexto. Na sociedade e literatura pós-coloniais, o idioma é um instrumento subversivo e ideologicamente construído.

Toda análise literária pós-colonial baseia-se em elementos ora de violência, ataque, invasão, domínio e supremacia ocidental do *Outro*/dominante – isto é, do colonizador; ora de identidade, resistência, revide, contra-argumentação, subversão, oposição e mímica do *outro* nativo/colonizado, objetificado, alienado, oprimido e dominado. Entendemos o conceito de *Outro* / *outro*, a partir da filosofia existencialista de Sartre e da formação do sujeito de Lacan e Freud nos estudos pós-coloniais. (BONNICI, 2005, p. 45). O *Outro*, com letra maiúscula refere-se ao centro imperial ou ao grupo dominante, seja ele branco, cristão, patriarcal, colonizador, etc. Já o *outro*, com inicial minúscula, refere-se ao subalterno, metonimizado na mulher, no negro, no não-cristão, no colonizado, etc.

Nessa dialética, a apropriar-se da língua do invasor, e ao mesmo tempo ab-rogá-la, produz a perfeita harmonia do texto de revide – criar lacunas que sem ser entendidas, contra atacam.

2 Autor e Fábula

2.1 Chinua Achebe

Chinua Achebe é considerado o pai da ficção africana moderna, pois protagonizou uma nova geração de autores que manifestaram brilhantemente em suas obras lembranças de sua ancestralidade, cruzando a tradição oral africana com as questões pós-modernas ocidentais.

Albert Chinualumogu Achebe nasceu em uma aldeia de Ogidi, Nigéria, em novembro de 1930, filho de uma professora e um missionário, ambos convertidos ao protestantismo.

Suas obras-primas foram sendo escritas quando a Nigéria ainda era colônia inglesa. Seus romances *Things Fall Apart* e *No Longer at Ease* contam a história da destruição da cultura nigeriana pela colonização inglesa.

Achebe recebeu vários prêmios por seu trabalho, incluindo o prêmio *Commonwealth* de poesia; o *New Statesman Jock Campbell Prize*; o *Margaret Wrong*; o *Troféu Nacional Nigeriano* em 1961; e o *Nigerian National Merit Award*. Em 2002, recebeu o *Peace Prize of the German Book Trade*. Atualmente vive nos Estados Unidos.

2.2 *The Sacrificial Egg and Other Stories* (1962)

Em “*The Sacrificial Egg*” (1962) Chinua Achebe apresenta o conflito entre a civilização chamada Ibo e a ocidentalização, especificamente a europeia. O relato foca a história de Julius Obi afetado indiretamente pela experiência com a malévola entidade conhecida como Kitikpa, o deus da varíola, punindo a população de Umuru esvaziando o mercado popular conhecido como Nkwo. Esse jovem nativo africano, embora nascido na pequena vila, se vê entre sua própria cultura e credices nigerianas e a cultura ocidental.

No conto, a pequena vila de Umuru é “sitiada” pela cultura ocidental. Tal *ocidentalização* é mostrada no início do conto, quando percebemos a presença de objetos incoerentes para o nativo africano dessa vila: “*Julius Obi sat gazing at his typewriter [...] There was a empty basket on the giant weighing machine.*” Isso demonstra a “necessidade de ocidentalizar a cidade”.

O encontro cultural é uma característica muito comum no texto de Achebe, e principalmente, nos de cunho pós-colonial.

3 A linguagem na sociedade pós-colonial: ab-rogação, apropriação e lacuna metonímica

Ideologicamente construído, o idioma na sociedade pós-colonial é base essencial no texto de revide. O autor o utiliza em meio à ab-rogação da língua da metrópole e a apropriação da mesma por motivos históricos e subversivos, gerando um elemento carregado de um poder. O inglês é manipulado por Achebe, capaz de levar o sujeito colonial da periferia ao centro e vice-versa.

1.1 Ab-rogação

O termo Ab-rogação (*abrogation*), do latim *abrogatio*, no sentido lexicográfico significa “anular; revogar; cassar”. (LUFT, 2001, p.32). Todavia, é no direito que vemos o conceito mais próximo no contexto pós-colonial: “[...] (no direito) anulação de uma lei por lei posterior [...]”¹, isto é, renovar algo. Logo, quando dizemos que um autor colonial ab-roçou a língua do império britânico, e esse continua a utilizar a língua inglesa, cremos que o mesmo se excluiu do papel de perpetuar o “código *Standard*” da língua, mas ao contrário, utiliza-o visando uma nova roupagem, mesclando padrões dialéticos, coloquiais e/ou, até mesmo, um novo idioma.

Trata-se então da rejeição de conceitos normativos da língua europeia como o *Standard English* e o Francês da Academia, por escritores pós-coloniais, do mesmo modo em que há rejeição de línguas “marginalizadas” como o crioulo e o *pidgin* pelo modelo literário europeu. É como proceder em meio a um outro idioma que severamente se introduz no meio e se autodenomina como a “nova língua” tentando expurgar a antiga, marginalizando-a. No nosso estudo, o inglês é essa “nova língua” que assume atualmente o título de língua global ou institucional.

A superioridade do idioma anglo-saxão acaba alterando o significado de textos cuja língua reflete a essência dos vernáculos, autenticando-as. Certas palavras e termos terão um significado próprio em determinado local e cultura,

¹ http://www.direitonet.com.br/dicionario_juridico/x/51/44/514/

logo, a padronização pelo inglês significará perdas textuais, semânticas, culturais e simbólicas nos textos oriundos das (ex) colônias.

Certas palavras e termos em inglês não produzirão o “verdadeiro significado” em relação ao idioma nativo, por exemplo, substituir o termo “ori” por “head”² implicará em uma quebra cultural e simbólica gravíssima na cultura iorubá, pois perderá o sentido, visto que o termo “ori” está intimamente ligado ao termo “*orixá*”, por exemplo, criando uma imensa lacuna semântica entre o nagô (*ori – orixá*) e o inglês (*head – orisha*).

A ab-rogação promove de modo subversivo uma ferramenta na qual as palavras são construídas de modo diferentes, separadamente e ausentes das normas da metrópole, até porque para aqueles que defendem a ab-rogação como meio de resistência, a língua Inglesa fora feita para quem a promove, isto é, para “o império inglês”.

Não aceitar o código padrão da língua, sem qualquer mistura com vocábulos não-ingleses acaba possibilitando ao texto (pós)colonial a integração de todos (leitores) numa nova nação (nos termos em que muitos críticos veem a construção da nação como prioridade da narrativa pós-colonial) e, sobretudo no seu uso da língua, já que essa é carregada de ideologia e raízes culturais.

É clara a referência às línguas europeias (“as literárias”), e as naturais (as nativas), que não sofreram hibridismo pós-processo colonizador. Todavia, a ab-rogação não exposta apenas através das palavras no idioma ibo, mas também com o modelo textual, fora dos padrões ingleses. Em “*The Sacrificial Egg*”, a constante revelação da paisagem Nigeriana, seus costumes e crenças, fazem da língua inglesa uma coadjuvante, pois o desejo de Achebe é “escrever em inglês, mas não como um inglês”.

3.2 Apropriação

Os defensores da apropriação creem que o certo é escrever em inglês sim, mas não como um inglês, mas como um indiano, um paquistanês, africano etc. Achebe (2000, p.45), nosso autor escolhido, observa na escolha do uso da língua europeia como uma forma inteligente de expor ao mundo a experiência ancestral:

² *Ori* e *Head* – cabeça, nos idiomas Yorubá e Inglês, respectivamente.

Não me resta outra escolha. Esta língua foi dada para mim e pretendo usa-la [...] percebo que a língua inglesa carregará todo o peso da minha experiência africana. Todavia, terá de ser um inglês diferente, em plena comunhão com sua pátria ancestral, mas transformado, para adaptar aos ambientes africanos.

A justaposição de palavras, isto é, técnica de juntar uma linguagem nativa sobre a língua do império, é a mudança repentina de código num texto colonial, cria barreiras e distancia as duas culturas, salientando uma independência linguística dos colonizados, sem deixar de utilizar essa mesma língua. Outra técnica é a de escolher palavras ou termos “intraduzíveis” dando o significado a apenas indivíduos do mesmo grupo. Essa técnica é altamente subversiva, pois ela cria uma armadilha ao colonizador, que necessita entrar na cultura para poder entender esses termos e vocábulos.

Além disso, a apropriação se utiliza da língua do colonizador para subvertê-lo, tendo-a como arma de revide, já que é com textos na língua dos impérios que emana a denúncia e resistência contra a hegemonia europeia e toda sua gama de dogma, que visam objetificar, dominar e outremizar o colonizado. A maior ironia da apropriação é a utilização da norma para criticar a norma, uma metalinguagem colonial, juntamente com a ironia, lacuna, metáforas e metonímias reescreve-se um texto problematizando e possibilitando uma voz dos colonizados, questionando o cânone, rebatendo dogmas e revidando conceitos:

[...] a reescrita tornou-se uma prática discursiva pós-colonial através da qual, e aproveitando-se de lacunas, silêncios [...] dos textos ‘canônicos’, surge um novo texto que subverte as bases literárias, os valores e os pressupostos históricos do primeiro. (BONNICI, 2005, p. 48).

Saussure (1997, p.30) expõe o poder que a língua literária tem em expandir as informações, assim vemos os reais motivos da utilização da língua culta inglesa e não a língua nativa para os textos literários de Achebe e da maioria dos escritores pós-coloniais: “A língua literária ultrapassa, em todas as partes, os limites que lhe parece traçar a literatura”. E continua revelando a consequência da escolha “[...] Por outro lado, suscita a avultada questão do conflito que se estabelece entre ela e os dialetos locais”. (*Ibidem*)

3.3 Lacuna Metonímica

O termo lacuna metonímica refere-se às frases, palavras, termos ou mudanças de códigos da língua natural ou nativa que são inseridas em um texto escrito na língua colonizadora. Tais termos e palavras representam, de certo modo, a cultura colonizada estabelecendo uma lacuna entre a língua do colonizador e a língua dos indivíduos colonizados.

As línguas nativas são tão fortes perante a sociedade que dela se utiliza, que reminiscências de termos, palavras e códigos fixam na linguagem padronizada pelo colonizador. Essa mistura provoca aberturas ou lacunas que fazem com que essa “nova construção” seja subversiva, pois a Europa não admite que não consiga entender tal discurso, não assumindo uma suposta falha intelectual. A lacuna metonímica é uma prova que o imperialismo é falho, sofrendo rejeição e subversão pelos idiomas “subalternos”, “inferiores” e “periféricos”, como os próprios definem.

A inserção de termos não ingleses é o meio pelo qual o sujeito colonizado introduz na língua hegemônica uma marca própria, maculando a “língua pura” de Shakespeare e “confundindo” a superioridade intelectual dos “mestres”. A decifração depende do contexto e deve ser pertinente a ele. Logo, torna-se um enigma ao colonizador decifrar o significado dos textos, preferindo rejeitá-lo, tal rejeição promove o livre acesso desses textos, promovendo o que justamente não quer o colonizador: divulgar o discurso do subalterno.

A utilização da língua Inglesa no discurso pós-colonial é político, o uso das variantes e outras línguas são culturais abrindo lacunas e caminhos bifurcados; de um lado uma linguagem indígena, pobre, marginal e nacional e de outro, uma linguagem imperialista, hegemônica e metropolitana. Desse modo, a ab-rogação do inglês padrão dá aos colonizados uma interdependência de língua e identidade, trazendo aos textos a verdadeira e real língua local, evidenciando mais uma vez a fidelidade dos estudos pós-coloniais em relação à realidade: “[...] *the abrogation of the received English which speaks from the centre, and the act of appropriation which brings it under the influence of a vernacular tongue.*” (ASHCROFT et al., 1989, p. 39).

No conto de Achebe (2004, p. 323), “*The sacrificial egg*”, observamos no segundo parágrafo as seguintes palavras – *Nkwo, Eke, Oye e Afo* : “*This Market though still called Nkwo, had long spilled over into Eke, Oye and Afo with the coming of civilization and the growth of the town into a big*

palm oil port.”³ produzem uma lacuna no parágrafo, através da qual o leitor ocidental não entenderá o real funcionamento do mercado de Umuru. Trata-se de uma estratégia utilizada por Achebe, pois ele realmente não deseja que os estrangeiros o saibam.

A narrativa baseia-se na não aceitação da permanência europeia no local; nem pelos nativos, nem pelo deus local (Kitikpa) nem pelo autor (lacuna metonímica). Esse distanciamento temporal é produzido pelos vocábulos *Nkwo, Eke, Oye e Afo*, isto é, a nomenclatura dos quatro dias da semana do povo Ibo.

A semana Ibo é chamada de *Izu* ou *Izukwe*, sendo sua real ordem iniciando com *Eke* e finalizando por *Nkwo*. Assim, Achebe “esconde” do ocidental a linearidade temporal da população Ibo, criando a falsa impressão que o nome do mercado seja *Nkwo* e não que é nesse dia o seu funcionamento.

Existe um mercado para cada dia da semana Ibo. Logo, o conto se passa no mercado e no dia mais movimentado da população local, ou seja, *Nkwo*. A escolha do dia se dá pela lenda da origem dos nomes dos quatro dias da semana, segundo Jeffrey M. D. (1956, p. 162 -163).

Além disso, cada dia da semana Ibo é mantida e governada por uma divindade, como vemos: “[...] *it was busiest on its original Nkwo day because the deity who had presided over it from antiquity still cast her spell only on her own day.*”⁴ (ACHEBE, 2004, p.323). Tal feitiço teria o objetivo de deixá-los mais “avarentos”, ou seja, mais aptos a negociar: “*after much haggling*” e “*let em in their greed spill over themselves*”. (Ibidem).

O idioma Ibo é uma língua falada na Nigéria, por cerca 18 milhões de pessoas. É uma manifestação linguística especialmente do sudoeste da Nigéria, conhecido como Biafra, escrito em letras latinas, é tonal como o iorubá e apresenta uma variedade de dialetos, distintos por entonação e ortografia, como por exemplo, o dialeto *Idemili*, constantemente usado por Achebe em seus contos, como em “*Things Fall Apart*”. O idioma foi usado pelo linguista John Goldsmith (1976) como exemplo de modelo fonológico.

³ “Esse Mercado ainda é chamado de *Nkwo*, tendo se sobressaído a *Eke, Oye e Afo* com o advento da civilização e o crescimento da cidade em torno do grande porto de óleo de dendê.” (tradução nossa).

⁴ “[...] nos tempos originais o *Nkwo* era muito cheio devido a uma divindade que presidia o mercado desde a antiguidade e que ainda roga seu ‘feitiço’ apenas no seu dia.” (tradução nossa).

Em “*The Sacrificial Egg*”, Achebe apenas pincela termos do idioma Ibo, que vai do título ou sobrenome de Julius “Obi”, até comidas “mai-mai” e divindades como “kitikpa”.

No trecho “[...] vessel from the swift-flowing Anambara [...] And for her children at home she bought bean cakes [or akara]⁵ and mai-mai, which the Igara women cooked.”⁶ (ACHEBE, 2004, p. 324) observamos novamente a inclusão de uma cidade, Anambara, sem aposto. Isto é, não há necessidade do autor em explicar que o termo é uma cidade; o autor apenas “lança” o nome da cidade não inferindo o seu significado à leitura. Em vários momentos do texto, as palavras em Ibo vêm sem aposto, não referindo o seu real significado, por exemplo: “Anambara, a cidade natal de Julius”, Chinua Achebe grafava apenas Anambara.

Em seguida, os termos *Akara* e *Mai-mai*, produzem fortemente uma lacuna no período. *Akara* (bolinhos de feijão) é uma comida a base de feijão fradinho, cebola e sal. Muito conhecido no Brasil com o nome de Acarajé, do iorubá/ibo *àkará èjé* “akara vermelho como sangue”, relacionado à cor vermelha do óleo que é servido, ou seja, o óleo de dendê. Já *mai-mai* também é um alimento típico da cozinha Ibo, conhecido também como *moi-moi*, sendo essa a mesma iguaria, só que cozida.

Mais do que a inscrição de um hiato cultural, Achebe propõe, revitalizar e divulgar a cultura Ibo. Mas o poder do autor colonial de nomear ou negar um nome a grupos com o idioma local, reforça o nacionalismo, o poder do indivíduo colonizado e subverte o poder da língua imperial. No fragmento a seguir, “*Umuru then was the meeting place of the forest people who were called Igbo and the alien riverain folk whom the Igbo called Olu and beyond whom the world stretched in indefiniteness*” (ACHEBE, 2004, p.324), percebemos três fatores distintos. O primeiro é que, ao nomear o “conhecido povo” Ibo, o autor cria uma relação de poder entre a língua e o “algo” nomeado, pois como Adão, o autor celebra a existência da tribo dando-lhe um nome. Segundo, o autor nomeia o povo ribeiro de Olu, mas deixa claro que fora o povo Ibo que nomeou “*folk whom the Igbo called Olu*” (Ibidem). Assim, eleva o povo Ibo a uma categoria semelhante aos colonizadores, de propor nomes e termos ao sujeito, inserindo assim, o poder ideológico nos signos que farão

⁵ Do original. Excluído da versão de Bonnici (2001).

⁶ “[...] embarcação fluindo por Anambara [...] e para suas crianças em casa, ela comprou bolo de feijão (ou Akara) e mai-mai, que a mulheres de Igara cozinhavam.” (tradução nossa).

parte da sociedade local. Por fim, não nomeia os outros povos, ou seja, os estrangeiros: “[...] *and beyond whom the world stretched in indefiniteness*” (Ibidem) dando apenas o entender de que a existências dos *Outros* é um fator geográfico, justificado pela extensão do mundo.

Nominar é o termo para o procedimento de “batizar algo” a fim de dominá-lo. Dentro do processo colonizador é uma estratégia de ambos os lados, de definir, controlar o antes “nada” (*nameless*). Do mesmo modo que apagar um nome, ou seja, não nomear uma personagem, povo, objeto ou terra implica em destituir o poder do que agora não tem nome, gerando uma espécie de palimpsesto linguístico, no qual não é o mapa apagado e reescrito, mas sim o texto. Nas palavras de Almandrade, podemos analisar a função de poder da nomeação:

A fala toma conta da coisa [...], o objeto depois de nomeado, passa para o mundo da linguagem [...], o homem se aproxima ou se distancia do mundo e das coisas, apropria-se do real e tenta dominar o desconhecido. A coisa e o mundo tornam-se imagens e conceitos [...]. Na busca da cômoda ilusão de ver um mundo ordenado e deter o incômodo do desconhecido, o homem usa do poder da palavra, subtraindo o ser da existência. (ALMANDRADE *apud* ARRUDA, 2004).

É a inserção de nomes de divindades, deuses e mitos que o autor produz uma lacuna muito maior. Afinal, os signos linguísticos que traduzem tais seres míticos revelam que apenas os detentores daquele sistema (língua) têm poderes para a invocação ou menção dessas mesmas entidades, como é caso de *Mammy-Wota* e *Kitikpa*. Quando nos referimos à lacuna metonímica, toda abertura é linguística, mas suas funções são muitas, como por exemplo, expor a cultura do autor, confundir a soberania intelectual do colonizador e valorizar a língua local.

Inscrever deuses e entidades desconhecida do universo judaico-cristão, não só cria uma ruptura semântica, mas um hiato cultural. Afinal, linguagem e religião são duas instituições sociais indissolúveis:

[...] a linguagem é, essencialmente, um jogo onde se afirma uma normalidade que possibilita a comunicação e a argumentação dentro de uma lógica e de um conjunto de regras assumidas: a possibilidade da linguagem é a afirmação da normalização do pensamento. Em religião, o sentir, o viver, o ser religioso que é passível de ser codificado através da linguagem é, em si, um ato de normalização e de abertura ao outro:

se a religião necessita de ser expressa em comunicação para outrem, então essa religião já não é a religião do simples indivíduo, mas do grupo que a assume num quadro discursivo específico. A verbalização para a compreensão é a assunção de um quadro de referentes linguísticos que possibilita a comunicação: como veremos, a religião expressa em mecanismos de linguagem é, naturalmente, um processo de conhecimento e uma atitude teológica segundo um quadro societal específico. (PINTO, 2002, p. 85).

A inscrição de divindades em textos reforça a ideia de proteção para com os sujeitos colonizados, visto que o misticismo sempre será uma “arma de ataque” e “de defesa”. O poder do deus local é desconhecido pelo colonizador, logo, o desconhecimento transforma-se em medo. Há a menção de três divindades locais no texto de Achebe: a deusa do Mercado (sem nome) “[...] *it was busiest on its original Nkwo day because the deity who had presided over it from antiquity still cast her spell only on her own day*” (ACHEBE, 2004, p.323), Mammy Wota “[...] *mammy wota who have their town in the depths of the river.*” (Ibidem, p.324) e Kitikpa “*Kitikpa the incarnate power of smallpox*” (Ibidem, p.325); contra uma divindade cristã, o Deus judaico-cristão “[...] *until this thing is over, by the power of Jehovah*”. (Ibidem, p.326).

Todos estes exemplos de lacunas metonímicas causadas pela inclusão de vocábulos da língua colonizada, no caso, Ibo, confundem o significado final e verdadeiro do texto produzido por Achebe. É como se a ideologia da língua que tantos teóricos aqui referidos comentam, seja interpelada por outra ideologia, forçada pela presença de vocábulos que desestrutura o sistema de signos britânico e estrutura o sistema sociolinguístico do autor.

4 Conclusão

Concluimos que na narrativa “*The Sacrificial Egg*” há uma forte presença da descolonização, permeando o texto em formas de ab-rogação, apropriação e a lacuna metonímica.

É evidente que quando falamos sobre apropriação, ab-rogação, lacunas entre outros conceitos chaves da teoria pós-colonial que diz respeito à língua,

⁷ O nome de Deus na cultura judaica é impronunciável por dois motivos: o nome é sagrado e há ausência de som conhecido, visto que no hebraico não existem vogais. Assim, o Tetragrama, ocidentalizou-se para JHVH, referindo-se ao nome do Deus de Israel. Os nomes *YaHVeH* (vertido em português para Javé), (Y)*JeHVah* ou (Y)*JeHoVaH* (vertido em português para Jeová), são transliterações possíveis nas línguas ocidentais.

não podemos deixar de citar Chinua Achebe, que é um profícuo autor cujas narrativas expõe um choque entre culturas e por que não, línguas.

O embate entre colonizador e colonizado também pode ser visto através da linguagem dentro da narrativa. Achebe magistralmente sabe quando usar (apropriação) ou não (ab-rogação) da língua colonizadora, resultando nos hiatos (lacunas metonímicas). Evidentemente, essas literaturas (pós-coloniais) dependem da ab-rogação do poder restritivo e da apropriação da linguagem (escrita) para fins diversos daqueles outrora usados, isto é, para a opressão.

Concluimos que Achebe é, sem dúvida, um dos grandes autores pós-coloniais que se utiliza dos elementos de linguagem (ab-rogação, apropriação, lacuna metonímica) para fazer de seu conto um elemento de contra-ataque a hegemonia europeia.

Referências

ACHEBE, Chinua. The sacrificial egg. In: BONNICI, Thomas. **Short stories: an anthology for undergraduates**. 2. ed. Maringá: UEM, 2004.

ARRUDA, Luciana. **Linguagem: até que ponto existimos a partir do momento em que falamos?** Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=199&rv=Literatura>>. Acesso em: 30 jun. 2007.

ASHCROFT, Bill.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, Helen. **The empire writes back: theory and practice in post colonial literatures**. London: Routledge, 1991.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chaves da teoria pós-colonial**. Maringá: EDUEM, 2005.

CASSIRER, Ernest. **Antropologia filosófica**. Tradução: Vicente Felix de Queirós. 2. ed. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1977.

JEFFREYS, M. D. W. **The origin of the names of the Ibo Week**. *Folklore*, v.67, n.3, p. 162-167, 1956.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**, 20.ed. São Paulo: Ática, 1995.

PINTO, Paulo Mendes. Linguagem e religião: um jogo, de racionalidade, de identidade e de fundamentos. **Revista de Estudos da Religião**, n.4, p.81-98, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix; USP, 1997.

Recebido para publicação em 01 abril 2009.

Aceito para publicação em 03 dezembro 2009.